

A polêmica e o *ethos* discursivo sob uma perspectiva linguístico-discursiva

Polemics and discursive ethos from a linguistic-discursive perspective

Eduardo Pará Glück*
Sabrina Vier**

RESUMO

A polêmica está presente em debates e discussões na Internet, especialmente quando a questão é política. Compreender como um texto de cunho político-social envolvendo um tópico polêmico e de destaque é desenvolvido se faz mister nos dias atuais. Assim, objetivou-se verificar a natureza polêmica e o *ethos* discursivo do enunciador de um artigo de opinião publicado na Folha de São Paulo. Maingueneau (2002; 2008), para tratar do *ethos* discursivo, e Amossy (2008; 2017a), a fim de verificar as marcas da polêmica discursiva, são os referenciais basilares. Os resultados evidenciam um texto de natureza polêmica que carrega um *ethos* discursivo que se releva enunciativamente por meio da ironia, da negação e do manejo do outro. Conclui-se que, embora a Folha de São Paulo se caracterize como um jornal apartidário, é possível revelar o *ethos* discursivo do enunciador, bem como a natureza polêmica, a partir de marcas linguístico-discursivas contidas no texto.

Palavras-chave: Polêmica Discursiva. *Ethos* Discursivo. Mídia Digital.

Recebido em 25 de maio de 2020.

Aceito em 20 de setembro de 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.18364/rc.2021n61.423>

*Universidade do Vale do Rio dos Sinos, eduardogluck@gmail.com,
<https://orcid.org/0000-0001-5032-9582>

**Universidade do Vale do Rio dos Sinos, sabrinavier@unisisinos.br,
<https://orcid.org/0000-0001-6131-7720>

ABSTRACT

Polemics can be found in many debates and discussions on the Internet, especially when the topic in question involves politics. To understand how a politico-social text involving a polemics and a prominent topic is developed is necessary nowadays. Thus, this study aims to verify the nature and the discursive ethos of the speaker of an opinion article published on Folha de São Paulo. Maingueneau (2002; 2008), to address the discursive ethos, and Amossy (2008; 2017a), in order to verify the marks of the discursive polemics, are the basic references. The results show a polemics text that carries a discursive ethos that is enunciatively revealed by means of irony, negation and the handling of the other. It is concluded that, although Folha de São Paulo is characterized as a non-partisan newspaper, it is possible to reveal the enunciator's discursive ethos, as well as the controversial nature, from linguistic-discursive marks contained in the text.

Keywords: Discursive Polemics; discursive Ethos; digital Media.

Introdução

A Internet tem sido reconhecida como palco de democracia e de participação cidadã (AMOSSY, 2017a), um espaço virtual de livre acesso que expõe a todos a um mundo no qual as informações e o conhecimento estão a um clique de distância. Dentro desse universo rico, diversificado e culturalmente complexo, o compartilhamento de experiências, opiniões, crenças e valores é uma constante, colocando em cena um tipo de argumentação bastante presente nesse contexto: a polêmica. Quando pensamos em polêmica, referimo-nos a um debate de opiniões antagônicas que giram "[...] em torno de uma questão da atualidade, de interesse público que comporta os anseios da sociedade mais ou menos importantes numa dada cultura." (AMOSSY, 2017a, p. 49).

Sempre que enunciamos acerca de um determinado tema ou acontecimento, emitimos uma opinião, seja positiva, seja negativa. Essa opinião, polêmica ou não, indica ao nosso coenunciador o modo como nos construímos discursivamente. Revelamos, assim, o que Maingueneau (2002; 2008) denomina de *ethos discursivo* - exibimos nossa personalidade enquanto

enunciadores, ou seja, evidenciamos nosso comportamento, nosso *tom* e nosso modo de nos mover no espaço social, além de nossa intencionalidade de fala. Nesse caso, por exemplo, pode-se citar a persuasão e a informação.

Considerando o cenário exposto, esta investigação apresenta um estudo linguístico-discursivo de um artigo de opinião com o objetivo de problematizar como Gregório Duvivier aborda um tema político-social polêmico em um texto publicado na *Folha de São Paulo*, site de notícias com maior audiência no Brasil (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020), verificando a natureza polêmica e o *ethos* discursivo do enunciador. Para tanto, evocaremos Amossy (2017a, 2017b) a fim de abordar a polêmica discursiva e Maingueneau (2002; 2008) para tratar do *ethos* discursivo daquele que enuncia. Em seguida, analisaremos o artigo de opinião à luz dos postulados aqui evocados. Por fim, apresentaremos as conclusões decorrentes dos resultados alcançados, bem como algumas considerações acerca de possíveis contribuições oferecidas ao conjunto de investigações sobre a polêmica discursiva e o *ethos* discursivo.

1. A polêmica discursiva

A polêmica é intrínseca na sociedade contemporânea, fazendo-se presente, especialmente, nas mídias sociais. Essa forma de expressão discursiva, ou como define Amossy (2017a), fenômeno verbal, exerce um papel na esfera pública - contemporânea e democrática - e se apresenta por meio de debates sobre temáticas da atualidade que se vinculam a interesses públicos. Ademais, a teórica postula que a polêmica discursiva é uma forma de discurso vista com desprezo, pois carrega excessos em seu formato, tais como violência e paixão (cf. ARISTÓTELES, 1998), palavras desmedidas, ou, como coloca Micheli (2010), emoções. Partindo dessa definição, Amossy (2017a) apresenta três critérios que definem a polêmica: a dicotomização de teses, a polarização social e a desqualificação do adversário.

Amossy (2017a) afirma que a polêmica é construída no nível discursivo e argumentativo, sendo fortemente dialógica; portanto, modela a argumentação de tal modo que cria uma retórica do dissenso, ou seja, a dicotomização de teses: as emoções são responsáveis pela criação das teses, que são dicotômicas e antagônicas - “[...] duas opções antitéticas [que] se excluem mutuamente.” (AMOSSY, 2017b, p. 53). Para Micheli (2010), as emoções têm um papel fundamental na materialização da argumentação polêmica, pois envolvem tanto o objetivo de um objeto, como uma estimativa de X para Y, por exemplo, quanto uma causa - a decepção de X por causa de Z; além disso, funcionam como um processo para avaliar objeto ou causa (cf. AMOSSY, 2006; MICHELI, 2010). Micheli (2010, p. 16) defende, então, que as emoções são essenciais aos debates sociais visto que são capazes de criar divergências entre os indivíduos.

No que tange à polarização social, a teórica evoca King e Floyd (1971 apud AMOSSY, 2017b) para definir esse critério como um processo pelo qual o polemista tem um público diversificado que se contrasta e mutuamente se exclui, reagrupa-se em dois ou mais conjuntos, e compartilha valores e concepções que considera fundamentais. De acordo com a teórica, a polarização não leva apenas a esse tipo de movimento, mas também auxilia na consolidação da identidade de um grupo e resulta no reconhecimento do adversário a ser combatido e desacreditado; daí a desqualificação do adversário (AMOSSY, 2017b), terceiro critério que define a polêmica.

Além disso, dentro da polêmica discursiva, há um conjunto de procedimentos discursivos e retóricos que exercem um papel fundamental na classificação desse tipo de argumentação: a negação, os jogos sistemáticos de oposição, a marcação axiológica, reformulação, os manejos do discurso do outro, a ironia, a hipérbole e os argumentos falaciosos, tais como o *ad hominem*. O quadro a seguir resume tais categorias.

Quadro 1. Conjunto de procedimentos discursivos e retóricos

Negação	Quando o locutor se nega ou nega o discurso/dados do outro por meio de sua opinião.
Jogos de Oposição	Quando há oposições de bem e/ou de mal; polarizações.
Reformulações	Quando o locutor se recontextualiza.
Manejo do Discurso do Outro	Quando o locutor utiliza o discurso relatado do outro; manipulação.
Ironia	Quando o enunciado vem de encontro à enunciação.
Hipérbole	Quando há exageros de expressão.
Marcação Axiológica	Quando há uma hierarquia de valores; senso de justiça.
Falácia	Quando há inverdades no discurso do outro; ideias enganosas, erradas.

Fonte: Amossy (2017b).

Os procedimentos discursivos e retóricos propostos por Amossy (2017b) nos ajudam a investigar como o enunciador se marca no texto, uma vez que, segundo Cabral e Lima (2016, p. 4), “O discurso polêmico precisa estar marcado linguisticamente, por meio de estratégias linguísticas que permitem anular o discurso do outro.”. Nesse cenário, podemos dizer que a polêmica recorre a um conjunto de procedimentos discursivos e retóricos, a fim de desqualificar o discurso do outro (AMOSSY, 2017a), e a Internet também é compreendida como um palco para o uso desses procedimentos.

Amossy (2017b, p. 173) afirma que "as interações pelo computador são apontadas por alguns como lugar de livre curso de uma violência desenfreada e perigosa, enquanto outros reconhecem nela um instrumento de participação cidadã e de democratização". E, desse modo, “se admitirmos que as emoções envolvem ‘diferenças de ideias e crenças’, nas quais os polemistas baseiam suas teses, podemos pensar que elas não escapam à influência do

debate [...]; as emoções, às vezes, serão submetidas a processos de refutação ou justificação¹." (AMOSSY, 2017b, p. 52-53, tradução nossa).

Dessa forma, considerada a polêmica como modalidade argumentativa, “que cumpre certas funções sociais e tem um funcionamento sociodiscursivo” (BARONAS; COSTA, 2019, p. 3), e as emoções como fundamentais na materialização da argumentação polêmica (MICHELI, 2010), seguimos pelo estudo da natureza polêmica e da personalidade do *eu* enunciador – chamado de *ethos* discursivo – no escopo da Internet.

2. O *ethos* e a polêmica

A polêmica discursiva está presente na sociedade, principalmente quando se trata de assuntos em que há, no mínimo, dois pontos de vista. No que diz respeito aos estudos linguístico-discursivos sobre a polêmica e como o *eu* enquanto enunciador se revela em seu discurso,

[...] Maingueneau afirma que o caráter constitutivo da relação entre os discursos faz emergir uma interação polêmica entre os sujeitos, entre os discursos, como um processo de interincompreensão regrada pelas condições de possibilidade das diversas posições enunciativas (KOMESU, 2008, p. 57-58).

Nesse sentido, como o *eu* enuncia, há condições e restrições em seu discurso, considerando que este está sempre em interação com o outro. Por isso, ao realizar tal ação, há eventuais cálculos feitos que expõem como o *eu* que enuncia se revela enunciativamente.

O locutor pressupõe o outro, e, ao construir o seu discurso na interação, implica a coconstrução do interlocutor. Na polêmica, isso pode ocorrer tanto para um consenso entre esses sujeitos enunciadorees quanto

1 Texto original: “[...] Si on admet que les émotions impliquent des “différences d’idées et de croyances”, on peut penser qu’elles n’échappent pas à l’emprise du débat [...]; les émotions se verront parfois soumises à des processus de réfutation ou de justification.

para um dissenso. Para se revelar esse *ethos* discursivo, Maingueneau (2008) salienta que é fundamental ter em mente que

[...] o texto escrito possui, mesmo quando o denega, um *tom* que dá autoridade ao que é dito. Esse *tom* permite ao leitor construir uma representação do corpo do enunciador (e não, efetivamente, do corpo do autor efetivo). A leitura faz, então, emergir uma instância subjetiva que desempenha o papel de fiador do que é dito (MAINGUENEAU, 2008 p. 98).

Dessa forma, é fundamental analisar como o fiador do texto, o locutor, se manifesta e se revela por meio de sua fala, pois, para Maingueneau (2002, p. 99), não se pode dissociar a “[...] argumentação dos conteúdos e a legitimação da cena de fala”. Além disso, é fundamental que se considere o que Maingueneau (2002, p. 99) chama de *incorporação*: “a ação do *ethos* sobre o co-enunciador”, bem como “a maneira como o intérprete – audiência ou leitor – se apropria desse *ethos*.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 8). Dito de outro modo, é o efeito que aquele que escreve causa – ou pretende causar – sobre aquele que lê, sobre aquele a quem ele se destina (in)diretamente, ou, até mesmo, a maneira como o coenunciador se apossa do texto lido.

Em linhas gerais, o *ethos* não é, então, puramente linguageiro e interno ao discurso (AMOSSY, 2008). Ou seja, este não se restringe apenas às questões textuais, mas também às questões que envolvem problemas de uma comunidade e externas ao texto.

Dito isso, na sequência, propomo-nos a exibir os resultados obtidos no estudo do artigo de opinião em análise, tecendo comentários analíticos acerca das ocorrências da natureza polêmica e do *ethos* discursivo do enunciador.

3. “Supérfluo e indispensável”: um olhar linguístico-discursivo

O artigo de opinião em análise, intitulado “Supérfluo e indispensável”, foi veiculado na *Folha de São Paulo* em 28 em maio de

2018. De autoria do jornalista Gregorio Duvivier, ator e escritor, famoso por sua criticidade e posicionamento político de esquerda, o texto escolhido para a análise trata da polêmica que envolve a greve dos caminhoneiros, ocorrida no início do ano de 2018.

Tendo seu nicho voltado a um público de alto padrão de renda e de escolaridade e idade média de 40,3 anos, a *Folha de São Paulo* conta com seções que abrangem os mais diversos tópicos, que vão de turismo, ciência e saúde, até política e assuntos gerais (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020). Desse modo, por ter relevância e credibilidade em nível nacional e se descrever como um jornal “calcado nos princípios editoriais do Projeto Folha: pluralismo, apartidarismo, jornalismo crítico e independência” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020), esse veículo de comunicação foi escolhido como suporte para o artigo de opinião em análise.

Para melhor retomada dos trechos em estudo, os segmentos foram enumerados.

(1) *Supérfluo e indispensável*

(2) Tava aqui pensando que não entendo nada de caminhão nem de combustível.

(3) Desculpa, não tava prestando atenção. (4) Tava aqui pensando em como seria lindo o metrô do Rio. (5) Já pensei onde ficaria cada estação. (6) Precisaria de sete linhas, não mais do que isso. (7) E os bondes, também. (8) Não to falando de VLT, mas de bonde mesmo. (9) Subindo e descendo o morro. (10) Outro dia sonhei com a estação Cosme Velho. (11) Acho que ficar adulto é substituir pornografia por linhas ferroviárias.

(12) Desculpa, não tava prestando atenção. (13) Tava aqui relativizando mentalmente a criminalização de uma palavra por motivos etimológicos. (14) Proibiram mulata porque vem de mula. (15) A etimologia não deveria ser o bastante pra banir palavras. (16) A palavra "baunilha" tem a mesma origem que "vagina", porque ambas têm um formato parecido. (17) A palavra rapaz vem de "rapina" e significa originalmente "ladrão". (18) A palavra não tem carga genética. (19) Ela é o que a gente quiser que ela seja.

(20) Desculpa, não tava prestando atenção, tava aqui pensando que hoje em dia todo o mundo tem barba. (21) Olha à sua volta. (22) Barba, barba, a não ser que você esteja num culto ou no Exército. (23) Na minha infância, todo barbudo era um outsider. (24) Só tinham barba os mendigos e o Enéas. (25) O próprio Lula nunca disse que era de esquerda. (26) Talvez fosse a barba que desse a impressão. (27) Será que soltam ele se ele tirar a barba? (28) Será que percebem finalmente que a discordância era estética, e não ética?

(29) Desculpa, não tava prestando atenção, tava aqui pensando que ator não pode fazer greve. (30) Ninguém se importaria com a nossa greve. (31) Imagina se todos nós abandonássemos o teatro, em protesto contra o abandono do teatro. (32) Não faria sentido. (33) Às vezes tem um louco que propõe: "Vamos interromper todos os espetáculos em cartaz pra que eles percebam que sem cultura eles não vivem!". (34) Só que vivem, sim. (35) Sem cultura "eles" vivem a mesma vida que estavam vivendo antes. (36) A ausência da nossa profissão não mata ninguém. (37) A presença torna a vida de poucos um pouquinho melhor. (38) Mas só.

(39) Desculpa, não tava prestando atenção, tava pensando que é triste isso de ser supérfluo. (40) Ao mesmo tempo, tudo o que faz a vida valer a pena é supérfluo. (41) O gosto da comida, o sexo, o futebol. (42) Que bom ser supérfluo. (43) Tudo o que é indispensável, em contrapartida, é um saco.

(44) Desculpa, não tava prestando atenção, tava aqui pensando que eu não entendo nada de caminhão, e menos ainda de combustível, e menos ainda de PIS e Cofins, e lembrei do Pessoa, "não entendo nada, nunca entenderei nada, à parte isso, apoio em mim todas as greves do mundo". (DUVIVIER, 2018).

No segmento 1, o título do texto, há uma antítese: “*supérfluo e indispensável*”- uma das categorias linguísticas apresentadas por Amossy (2008). O vocábulo “supérfluo” está para aquilo que não é necessário, e “indispensável”, para aquilo que é imprescindível: o que é indispensável não é, pois, supérfluo, mas o oposto disso. Ao intitular seu texto dessa forma, o enunciador parece convidar o coenunciador a um diálogo, suscitado por essa antítese.

O texto inicia por uma marca de informalidade: “Tava”, que retorna em diferentes momentos do artigo de opinião - segmentos 3, 4, 12, 13, 20, 29, 39 e 44. Essa marca de informalidade, da forma como a lemos, também coloca em cena esse *tom* de diálogo do texto. Ademais, essa informalidade comparece junto ao advérbio “aqui”, lugar de enunciação do locutor. Por meio desse advérbio, também podemos instituir o lugar do interlocutor, que não está no “aqui” do enunciador. Além disso, muitas vezes, a construção “Tava aqui pensando” significa o início de uma linha de raciocínio sobre algo - principalmente quando conversamos com alguém.

A partir do segmento 2, “tava” comparece por meio de dois pontos da argumentação empreendida: uma negação – “não tava prestando atenção” – e uma afirmação – “Tava aqui relativizando” e “Tava aqui pensando”:

(2) Tava aqui pensando que não entendo nada de caminhão nem de combustível.

(3) Desculpa, não tava prestando atenção. (4) Tava aqui pensando em como seria lindo o metrô do Rio. [...]

(12) Desculpa, não tava prestando atenção. (13) Tava aqui relativizando mentalmente a criminalização de uma palavra por motivos etimológicos. [...]

(20) Desculpa, não tava prestando atenção, tava aqui pensando que hoje em dia todo o mundo tem barba. [...]

(29) Desculpa, não tava prestando atenção, tava aqui pensando que ator não pode fazer greve. [...]

(39) Desculpa, não tava prestando atenção, tava pensando que é triste isso de ser supérfluo. [...]

(44) Desculpa, não tava prestando atenção, tava aqui pensando que eu não entendo nada de caminhão, e menos ainda de combustível, e menos ainda de PIS e Cofins, e lembrei do Pessoa, "não entendo nada, nunca entenderei nada, à parte isso, apoio em mim todas as greves do mundo". (DUVIVIER, 2018).

No segmento 2, o locutor afirma que estava pensando que não entende de caminhão e de combustível. Em seguida, nos segmentos 3, 12, 20, 29, 39 e 44, desculpa-se por não estar prestando atenção em algo – como, muitas vezes, fazemos em um diálogo.

Essa desculpa, nos segmentos 3 e 12, é colocada em uma frase apenas: “Desculpa, não tava prestando atenção”, seguida de uma justificativa: a primeira, por estar pensando no metrô; a segunda, em etimologia. Essas duas justificativas trazem desejos do locutor: contar com sete linhas de metrô, ao contrário das três que existem no Rio de Janeiro, e com a compreensão das pessoas de que o sentido das palavras não está dado *a priori*, mas no aqui e agora da enunciação.

Diferentemente dos segmentos 3 e 12, em 20, 29, 39 e 44, as justificativas aparecem na mesma frase em que o locutor se desculpa. Da forma como lemos, essas justificativas aparecem de outra maneira: a barba de Lula e o fato de atores não poderem fazer greve encaminham o leitor ao “ser supérfluo” presente no segmento 39. Em um primeiro momento, ter ou não barba pode ser considerado supérfluo. Da mesma forma, o teatro pode ser considerado supérfluo – mas é “triste ser supérfluo. Ao mesmo tempo, tudo o que faz a vida valer a pena é supérfluo” (segmento 40). Nesse momento, o locutor exemplifica com “o gosto da comida, o sexo, o futebol” (segmento 41). Ora, comida é item indispensável para nossa sobrevivência – alguns dirão que sexo e futebol também. No entanto, o locutor encerra o parágrafo, após dizer que o supérfluo é bom, afirmando que “o indispensável, em contrapartida, é um saco” (segmento 43). Parece-nos, aqui, que essa construção evoca a antítese presente no título.

Além disso, as justificativas – o metrô do Rio, a etimologia das palavras, a barba, a greve dos atores – aparecem junto a “Tava aqui pensando em”, ou seja, funcionam como complemento do verbo “pensar”. Da mesma forma, no segmento 2, no início do texto, o complemento é “não entendo nada de caminhão”, que retorna no final do texto, no segmento 44, junto a “e menos ainda de combustível, menos ainda de PIS e Confins”.

A partir desse retorno, o locutor parafraseia o poeta Fernando Pessoa para dizer que, mesmo não entendendo nada, apoia todas as greves. Tendo em vista que a greve dos atores, vivência artística considerada supérflua, é citada pelo locutor, podemos pensar que os caminhoneiros, supérfluo para alguns, mostraram-se, nesse momento de greve, indispensáveis. Seriam, então, as sete linhas do metrô, o sentido no aqui e agora, a ética de Lula e o teatro igualmente indispensáveis?

A partir dessa análise, percebe-se o uso da *negação* e da *ironia* como estratégias constantes do enunciador para construir sua argumentação. O enunciador se revela irônico justamente para afirmar o contrário do que diz; ou seja, ao mesmo tempo em que se desculpa, por não prestar atenção em algo ou alguém, constrói uma argumentação em defesa de seu ponto de vista, opondo-se a outro posicionamento. Além disso, a reiteração feita pelo enunciador nesses períodos tem efeito de intensificar sua crítica, começando os períodos supraditos da mesma forma, a fim de expressar, ironicamente, que é um desentendido das questões sociais brasileiras.

Ademais, no primeiro parágrafo, nos segmentos 10 e 11, o enunciador usa a *ironia* para pontuar o que muitos pensam sobre a fase adulta: “outro dia sonhei com a estação Cosme Velho” e “acho que ficar adulto é substituir pornografia por linhas ferroviárias”. Nesses períodos, ele é irônico ao utilizar “substituir pornografia por linhas rodoviárias” para fazer referência, possivelmente, às tentativas de pedidos de novas licitações dos metrôs do Rio de Janeiro feitas pelo Ministério Público. Há uma comparação aqui: por meio da pornografia, um sonho adolescente; por meio da estação Cosme Velho, um sonho adulto. A ironia se dá na medida em que tanto a pornografia quanto a estação Cosme Velho se colocarem no eixo do sonho, mas um sonho pervertido.

A *negação* está presente no texto como um todo, desde o ato de não estar prestando atenção em algo ou alguém até a presença constante de críticas àqueles que acreditam que, para apoiar a greve ou falar sobre ela, é necessário ser um caminhoneiro; logo, um cidadão engajado politicamente e interessado nas questões trabalhistas não tem voz nesse assunto.

Há, também, a presença da *negação* no segmento 25, no terceiro parágrafo, quando o locutor diz que “o próprio Lula nunca disse que era esquerdista”: mas há aqueles que afirmam que ele é esquerdista possivelmente pelo fato de se encaixar no estereótipo “barbudo e trabalhador”. A barba, então, seria o motivo da prisão de Lula, ao que o enunciador, ironicamente, se pergunta: “Será que soltam ele se ele tirar a barba?” (segmento 27). O enunciador chama atenção, mais uma vez por meio da ironia, que a desavença era estética – a barba – e não ética – o que deveria embasar nossos posicionamentos políticos.

Além disso, no segmento 33, há a utilização do recurso *manejo do discurso falado*, outra categoria argumentativa apresentada por Amossy (2008). Essa categoria é revelada quando o enunciador se expressa por meio da seguinte sentença: “vamos interromper todos os espetáculos em cartaz para que eles percebam que sem cultura eles não vivem!”. Aqui, através desse discurso relatado do outro, marcado pelo uso das aspas, o enunciador coloca que há pessoas que fazem manifestações em prol daquilo que acreditam, mas que estas, possivelmente, não resolveriam o problema do país. Embora ele use essa citação direta para realizar esse manejo, não referencia a frase, apenas afirma que o locutor já ouviu essa frase de um “louco”, conforme ele descreve no texto. Após essa citação direta, por meio da *ironia*, o locutor responde: “Só que vivem, sim. Sem cultura, ‘eles’ vivem a mesma vida que estavam vivendo antes” (segmento 34-35), marcando o quanto esse “eles” são cidadãos sem cultura.

Percebe-se, assim, por meio da análise até aqui construída, que os recursos linguísticos utilizados estão à serviço da *crítica*.

No que diz respeito à presença do *ethos* discursivo do enunciador e ao *tom* que este apresentou ao longo do texto, é possível dizer que ele se *comportou* de forma concisa para transmitir um *ethos* que se preocupa com a política, com a mobilidade urbana, com a cultura, com as questões sociais e trabalhistas e com a ética do país. Para o enunciador, assim, todos os brasileiros têm o direito de falar da greve dos caminhoneiros, e mesmo apoiá-la, pois a greve é um tema de ordem política, cultural, social, trabalhista e ética, que concerne, pois, a todos.

Por meio de seu texto, o enunciador se marca negativa e ironicamente, com uma *tonalidade* que abarca uma representatividade social, ou seja, que representa os trabalhadores e demais pessoas que se interessam sobre temas de seu país. Nesse cenário, o autor busca pela coconstrução tratar da atual situação brasileira, com seu coenunciador, com um olhar crítico.

Considerações finais

O texto analisado traz o posicionamento do enunciador em relação à greve dos caminhoneiros, ocorrida em 2008, segundo o qual todo brasileiro tem o direito de apoiar a greve e discutir esse tema, visto que este toca questões pertinentes a todo cidadão. Assim, esse artigo de opinião foi escrito em tom de diálogo – ou mesmo de resposta a uma pergunta – com aqueles que creem que só se pode aderir ou falar sobre a greve dos caminhoneiros quem de fato é caminhoneiro.

Para Amossy (2008), o texto é polêmico justamente quando trata de um tópico social, cultural e de interesse do povo. Assim, o número acentuado de ocorrências de negação, de ironia e de manejo contribuem para que o enunciador se coloque diante de seu coenunciador de modo a dar a ver uma polêmica de cunho político-social relacionada a uma questão atual e de interesse público.

No que diz respeito ao *ethos* discursivo do enunciador, este é revelado em vários momentos do texto. De forma geral, o *eu* enunciador faz uso da negação e da ironia para defender sua tese central: que não concorda com quem afirma que, para opinar ou aderir à greve dos caminhoneiros, é necessário ser um caminhoneiro. Como visto anteriormente, o *ethos* não é puramente languageiro e interno ao discurso (AMOSSY, 2008), e percebemos isso textualmente quando o enunciador expõe um problema que tem um impacto social no cenário brasileiro e, então, através de críticas que se valem de categorias linguísticas da polêmica, revela sua estratégia de abordagem (e resposta) polêmica para discordar do outro.

Por fim, a despeito da revista escolhida como suporte discursivo para a presente pesquisa, a qual se caracteriza como apartidária, concluímos que, a partir das análises realizadas, é possível revelar *ethos* discursivo do locutor, bem como a natureza polêmica presente no artigo de opinião em análise. Isto é, embora a Folha de São Paulo seja, conforme expresso na revista, sem partido político, este pode ser revelado a partir de marcas linguístico-discursivas em um texto postado por um jornalista filiado a ela, como Gregório Duvivier.

O estudo do texto, por meio do conjunto de investigações sobre polêmica discursiva e o *ethos* discursivo, coloca-se como de extrema produtividade no momento em que a Internet é reconhecida como palco da democracia e da participação cidadã. Precisamos problematizar, quer seja em sala de aula, quer seja em rodas de conversa, de maneira mais incisiva, o texto e seus efeitos de sentido. Isso porque, parafraseando Maingueneau (2002), um artigo de opinião não se destina a ser meramente contemplado, mas mobilizado, de forma a fazer seu coenunciador aderir a seu universo de sentido, a um corpo investido de valores políticos, culturais, sociais e éticos.

Referências

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de Antonio Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Editora Vega, 1998.

AMOSSY R. **L'argumentation dans le discours**. Paris: Armand Colin, 2006.

_____. **Apologia da Polêmica**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica. Trad. Angela Maria da Silva Corrêa. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 13, p. 227-244, jan/jun. 2017a.

_____. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017b.

BARONAS, Roberto Leiser; COSTA, Julia Lourenço. De Maingueneau a Amossy: notas de leitura em torno da noção de polêmica. **Polifonia**, Cuiabá-MT, v. 26, n.43, 2019.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; LIMA, Nelci Vieira de. Argumentação e Polêmica nas Redes Sociais: o Papel de Violência Verbal. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 73, jan./abril 2017 p. 86-97.

DUVIVIER, Gregorio. Supérfluo e indispensável. **Folha de São Paulo**. 28 mai. 2018. Disponível em:

[https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregoriioduvivier/2018/05/superfluo-e-indispensavel.shtml?loggedpaywall#_ =](https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregoriioduvivier/2018/05/superfluo-e-indispensavel.shtml?loggedpaywall#_=). Acesso em: 10 jul. 2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Conheça o grupo Folha**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/institucional/>. Acesso em: 2 mai. 2020.

GONÇALVES, Luis Cláudio Aguiar *et al.* **Ethos e interincompreensão na polêmica político-partidária**. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Luis%20Cl%C3%A1udio%20Aguiar%20Gon%C3%A7alves%20-%20ok.pdf. Acesso em: 08 out. 2018.

KOMESU, F. “Num sabi neim iscreve i fik disfarssandu”: a polêmica como interincompreensão em comentários sobre “internetês”. In: POSSENTI, Sírío; BARONAS, Roberto Leiser (org.). **Contribuições de Dominique Maingueneau para a análise do discurso do Brasil**. São Paulo: Pedro e João Editores, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 2. ed. São Paulo: Cortex, 2002.

_____. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, p.11-29.

MICHELI, R. Les theories modernes de l’argumentation face aux émotions. In: MICHELI, R. **L’émotion argumentée**. L’abolition de la peine de mort dans le débat parlementaire français. Paris: Cerf, 2010.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.